

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

A angústia e a aventura do tornar-se homem [The anguish and the adventure of becoming a man]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Junges, Márcia
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-06 12:59:10
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/158966

A angústia e a aventura do tornar-se homem

Verdade e subjetividade são temáticas que ocasionariam um diálogo fecundo entre Kierkegaard e Levinas, desafia Jorge Miranda de Almeida. Intercâmbio entre pesquisadores brasileiros e de outros países do continente latino-americano deve ser incentivado

POR MÁRCIA JUNGES E GABRIEL FERREIRA

“**A** angústia extrapola a pretensão do idealismo em querer demonstrar racionalmente em que constitui a aventura do tornar-se homem. Ela revela ao mesmo tempo a grandeza e a miséria do ser humano. O homem em estado de incompletude está aberto à maior das ações humanas, como está aberto também à maior das monstruosidades, por isso ele se angustia e tem medo de concretizar a síntese”. A afirmação é do filósofo Jorge Miranda de Almeida, presidente da Sociedade Brasileira de Estudos de Kierkegaard – Sobreski, na entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Ele adverte que Kierkegaard não é “um pensador simples e o leitor não se deve deixar levar pela leveza da afirmação de que a verdade é a subjetividade”. Traduções, profusão de eventos e o incremento na redação de dissertações e teses sobre o autor dinamarquês demonstram

que cresce no Brasil a pesquisa acadêmica kierkegaardiana.

Jorge Miranda de Almeida é graduado e mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio e doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, com a tese *Ética e sentido: Projeto de uma ética existencial a partir da superação da ontologia como filosofia primeira, partindo da análise do conceito de ética na filosofia de Kierkegaard*. cursou pós-doutorado pela Unisinos e leciona na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. É autor de, entre outros, *Ética e existência em Kierkegaard e Levinas* (Vitória da Conquista: Edições UESB, 2009) e *Kierkegaard* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2007), escrita em parceria com Álvaro Valls.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Qual é a relação entre subjetividade e verdade a partir das filosofias de Kierkegaard e Levinas¹?

¹ Emmanuel Lévinas (1906-1995): filósofo lituano, nascido na cidade de Kaunas, de descendência judaica e naturalizado francês, bastante influenciado pela fenomenologia de Edmund Husserl, de quem foi tradutor, assim como pelas obras de Martin Heidegger. Seu pensamento parte da ideia de que a ética, e não a ontologia, é a Filosofia primeira. É no face a face humano que se irrompe todo sentido. Diante do rosto do Outro, o sujeito se descobre responsável e lhe vem à ideia o Infinito. Sobre Lévinas, confira a entrevista concedida em 30-08-2007, por Rafael Haddock-Lobo, com exclusividade ao site do Instituto Humanitas Unisinos -

Jorge Miranda de Almeida – Em primeiro lugar, a subjetividade não é entendida na perspectiva da identidade e da representação conceitual, as pessoas encarnadas de carne e osso não são reduzidas ao Neutro da ideia, do ser, do conceito, como explicita Levinas em *Totalidade e Infinito*². Subjetividade é interioridade, é ética (se-

IHU, intitulada *Lévinas: justiça à sua filosofia e a relação com Heidegger, Husserl e Derrida*. Leia, também, a edição 277 da revista **IHU On-Line**, de 13-10-2008, intitulada Lévinas e a majestade do Outro. (Nota da **IHU On-Line**)

² LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70, 2000. (Nota do entrevistado)

gunda ética) e, em última instância, o filósofo dinamarquês afirma que a subjetividade é a própria singularidade após um longo percurso de interiorização para tornar-se subjetivo que é o tema do primeiro capítulo da segunda seção intitulada *o Problema subjetivo, ou como tem que ser a subjetividade, para que o problema possa se apresentar a ela*³ e que tem no

³ KIERKEGAARD. *Post-scriptum conclusivo não científico às Migalhas Filosóficas. Opere*. Milano: Sansoni, 1993. A obra foi escrita em 1846 em forma de “panfleto”, por Johannes Climacus e tem como pretensão discutir duas ou três questões tratadas na obra anterior mas com uma vestimenta nova, a vestimenta históri-

segundo capítulo a resposta para a pergunta proposta no que diz respeito a obra de Kierkegaard e à relação entre subjetividade e verdade. O capítulo II da segunda seção é intitulado *A verdade subjetiva, a interioridade; a verdade é a subjetividade*. Mas o que quer evidenciar com essa proposição?

Kierkegaard não é um pensador simples e o leitor não se deve deixar levar pela leveza da afirmação de que a verdade é a subjetividade. O caro leitor tem clareza que a verdade é a questão por excelência da filosofia ocidental em dois mil e quatrocentos anos. Ora, a tradição filosófica identifica a verdade como a identificação e adequação entre o ser e o pensamento. Pensar é ser, diria Parmênides⁴, e o ser é a verdade apropriada pelo intelecto, por isso, a máxima que conhecer e ser são, no fundo, a mesma coisa, desde que a verdade seja demonstrada com o rigor da lógica através da exatidão e da certeza evidente da essência do ser na objetividade do conceito. Por isso Aristóteles em sua *Metafísica* (II, 993 a 30-993b 30)⁵ a define a filosofia como a ciência da verdade, enquanto Hegel na *Enciclopédia* no parágrafo 438 afirma que “a verdade é em si e por si, que a razão é a simples identidade da subjetividade do conceito e da objetividade e universalidade.”⁶

ca: a) Pode haver um ponto de partida histórico para uma consciência eterna?; b) Como pode um tal ponto de partida interessar-me mais do que historicamente?; c) Pode-se construir uma felicidade eterna sobre um saber histórico?; d) O passado é mais necessário do que o futuro?. A obra é dividida em duas partes. A primeira discute o problema objetivo: o da verdade do Cristianismo. A segunda parte aborda o problema subjetivo: o da relação do indivíduo com o cristianismo, ou o tornar-se cristão. O problema subjetivo, portanto, está dividida em duas seções, que contêm cinco capítulos. Os três primeiros capítulos da segunda seção são fundamentais para a pretensão desta investigação e são intitulados: I - Tornar-se subjetivo; II - A verdade subjetiva, a interioridade, a verdade é a subjetividade; há um apêndice e III - A subjetividade real, a subjetividade ética: o pensador subjetivo. (Nota do entrevistado)
4 Parmênides de Eléia (530 a. C. - 460 a. C.): filósofo pré-socrático, fundador da escola eleática. (Nota da IHU On-Line)
5 ARISTÓTELES. *Metafísica*. São Paulo: Loyola, 2002. (Nota do entrevistado)
6 HEGEL. *Enciclopedia delle scienze filosofiche*. Bari. Gius, Laterza & Figli,

Verdade existencial

O filósofo dinamarquês opera com uma subversão do conceito de verdade ao estudá-la a partir do paradoxo da encarnação, conforme analisa Vergote (1982, v. II, p. 68)⁷. A verdade não é mais identificada como um conceito, uma definição objetiva e universal, para tornar-se uma vida. Não é suficiente conhecer a verdade, é preciso tornar-se a própria verdade. Em outro momento, ele afirma que não pode haver um intervalo entre conhecer a verdade e concretizá-la. Kierkegaard no *Pós-escrito* analisa a verdade do ponto de vista histórico, filosófico e do cristianismo e estabelece que o sujeito que pergunta sobre a verdade, mas não se coloca no interior da verdade como apropriação, da verdade subjetiva, não conhece efetivamente o que é a verdade. O que isso quer dizer? Que a verdade não é prioritariamente uma suma de proposições e demonstrações lógicas; ela consiste, isto sim, em um movimento que esteja voltado para o interior da própria subjetividade, pois, em última instância a verdade é a transformação do sujeito em si mesmo. Nesse sentido, a verdade adquire a dimensão e o estatuto de testemunho, temática essa que será desenvolvida e aprofundada por Levinas (1906-1995) e Franz Rosenzweig⁸ (1886-1929) entre outros. Por isso, em seu *Diário* de 1835 pode ser constatada a sua crítica à verdade do conceito e anunciada, o que se poderia denominar de uma verdade existencial, pois “se trata de encontrar uma verdade que seja uma verdade para mim, de encontrar uma ideia que eu queira viver e morrer.

E qual vantagem teria em descobrir uma daquelas consideradas verdades objetivas, de engolfar-me nos sistemas filosóficos? Qual vantagem

1907. (Nota do entrevistado)

7 Cf. VERGOTE, Henri-Bernard. *Sens et Répétition*. Paris. CERF/Orante, 1982. (Nota do entrevistado)

8 Franz Rosenzweig (1886- 1929): filósofo judeu nascido na Alemanha, é autor de uma obra importante na qual se destacam *Der Stern der Erlösung (A estrela da redenção)* e *Judentum und Christentum (Judaísmo e Cristianismo)*. Trabalhou com Martin Buber na tradução da Bíblia hebraica para o alemão. (Nota da IHU On-Line)

em desenvolver uma teoria do Estado e construir uma teoria onde não conseguirei viver limitando-me a mostrar aos outros? [...] qual a vantagem eu teria em uma verdade que se erguesse nua e fria, indiferente se eu a reconheça ou não, que me causa um calafrio de angústia do que um confiante abandono? (KIERKEGAARD, 1980, v. II, p. 41, I A 75).

Verdade ética e ética da alteridade

A subjetividade é o tema central na obra de Levinas. Ele a desenvolve com maestria nas obras *Totalidade e infinito* e *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence*, (estranhamente, ainda sem tradução para língua portuguesa). A radicalidade da concepção levinasiana da subjetividade como substituição adquire uma dimensão ética de primeira grandeza. A substituição é a concretização da responsabilidade radical como é tematizado no capítulo IV de *Autrement qu'être*. Nesse sentido, a subjetividade enquanto responsabilidade é anterior à liberdade e à própria questão do ser, uma vez que remonta a uma imemorialidade, isto é, a uma pré-origem, que não pode ser tematizada, mas acolhida como mistério. A conferência *Existência e ética*, sintetiza muito bem o que ele entende por subjetividade: “a subjetividade está na responsabilidade (de mim para com o outro) e somente uma subjetividade irreduzível pode assumir uma responsabilidade. A ética é propriamente isto” (LEVINAS, 1984, p. 87)⁹.

Agora, como se desdobra a relação da verdade com a subjetividade em Kierkegaard e Levinas? Em primeiro lugar, a verdade não é uma proposição que precisa ser demonstrada logicamente para ter validade; também não é uma verdade que se desvela nua e crua e indiferente aos dramas e conflitos humanos; a verdade é o testemunho da própria existência¹⁰. Nos

9 LÉVINAS, Emmanuel. *Nomi Propri*. Casale Monferrato: Editrice Marietti, 1984. (Nota do entrevistado)

10 Para analisar a categoria do testemunho em Kierkegaard, conferir POLITIS, Hélène. *Le vocabulaire de Kierkegaard*. Paris. Ellipses Édition, 2002. REYES. VI-ALLANEIX, V. *Écoute, Kierkegaard. Essai*

dois autores, embora se reconheça a validade da verdade epistemológica e gnosiológica, o que eles propõem é a verdade no interior do que denomino em Kierkegaard da segunda ética, e que em Levinas é a ética da alteridade. Enquanto verdade ética, ela não pode ser representada, não pode ser conceituada, mas concretizada na pessoa da singularidade que assume a responsabilidade de evidenciar a verdade com a própria vida. Por isso a contundente afirmação de Kierkegaard de que “só a verdade que *edifica* é verdade *para ti*. Esse é um predicado essencial em relação à verdade enquanto interioridade, com o que sua determinação decisiva como edificante *para ti*, ou seja, para o sujeito, é sua diferença essencial em relação a todo saber objetivo, com o que a própria subjetividade se torna sinal da verdade” (KIERKEGAARD, 1993, p. 396, grifos do autor). Em *Totalidade e infinito* é possível compreender o movimento da subjetividade enquanto interioridade (edificada diria Kierkegaard) responsável e ética. Segundo Levinas (2000, p. 223), “Sou (...) necessário à justiça como responsável para além de todo o limite fixado por uma lei objetiva. O eu é um privilégio ou uma eleição. A única possibilidade no ser de atravessar a linha reta da lei, ou seja, de encontrar um lugar para além do universal – é ser eu. (...) a verdade não pode *estar* na tirania, tal como não pode *estar* no subjetivo. A verdade só pode ser se uma subjetividade for chamada a dizê-la no sentido em que o salmista exclama: ‘o pó agradecer-te-á, dirá a tua verdade’. O apelo à responsabilidade infinita confirma a subjetividade na sua posição apologética. A dimensão da sua interioridade reconduz-se na categoria do subjetivo à do ser. O julgamento já não aliena a subjetividade, porque não a faz entrar e dissolver-se na ordem de uma moralidade objetiva, mas deixa-lhe

sur la communication de la parole. Tome I e II. Paris. Les Éditions du CERF, 1979. E MATE, Reyes. *Memórias de Auschwitz. Atualidade e política*. São Leopoldo. Nova Harmonia, 2005. O capítulo IV intitulado *A autoridade da testemunha*, que analisa a concepção e importância do testemunho na obra de Levinas. (Nota do entrevistado)

uma dimensão de aprofundamento em si. Proferir ‘eu’ – afirmar a singularidade irreductível em que prossegue a apologia – significa possuir um lugar privilegiado em relação às responsabilidades, para as quais ninguém pode substituir-me e das quais ninguém me pode desligar. Não poder esquivar-se – eis o eu.”

Diálogo

Esse extrato da obra demonstra a presença de Kierkegaard no pensamento de Levinas, mais do que o filósofo lituano admite e que seus seguidores gostariam de admitir. A crítica que o autor de *Autrement qu’être*¹¹ atribui a Kierkegaard quanto aos limites da compreensão, do alcance da subjetividade, de mantê-la na ordem do mesmo, de pensar uma subjetividade solipsista é uma leitura atravessada pela ótica de Heidegger que ele utiliza. Embora não chegue à substituição, que é uma *categoria* eminentemente levinasiana, o pensador dinamarquês em *As obras do amor* já havia estabelecido a alteridade¹² de forma contundente ao estabelecer a abnegação disposta ao sacrifício pela promoção do próximo. Portanto, existe uma proximidade muito grande que as lentes da vaidade ainda não permitiram estabelecer. O em-face em Levinas já foi suficientemente tematizado na perspectiva do próximo, como estabelece Kierkegaard na referida obra, pois a subjetividade do si não seria nada se não se torna eminentemente um para tu e na mesma obra a tese maior da segunda ética, pois amar o próximo é a tarefa de todas as tarefas e a chave de volta por onde se liga o eterno e o temporal. A interioridade edificada que se traduz em subjetividade ética como Kierkegaard desenvolve em *Post-scriptum* é analisada por Levinas nos mesmos termos como consta em

11 LEVINAS, Emmanuel. *Autrement qu’être ou au-delà de l’essence*. Paris. Martinus Nijhoff, 1978 (Nota do entrevistado)

12 Cf. VALLS, Alvaro L. M. *O amor ao próximo, especificamente cristão. Sua exposição nas “Obras do Amor” e sua crítica por Adorno*. IN Síntese - Cultura e Filosofia. Revista Trimestral da Faculdade de Filosofia da Companhia de Jesus, Belo Horizonte. V. 20, n. 63, outubro-dezembro, 1993. (Nota do entrevistado)

Totalidade e infinito “a interioridade está essencialmente ligada à primeira pessoa do eu.

A separação só é radical se cada ser tiver o seu tempo, isto é, a sua interioridade. Graças à dimensão da interioridade, “o ser recusa-se ao conceito e resiste à totalidade” (LEVINAS, 2000, p. 45). Seria importante um diálogo com os estudiosos em Levinas para aprofundar a herança de Kierkegaard em seu pensamento e em sua produção, como faz David Brezis no ponderado artigo *L’intériorité en question. Regards croisés sur kierkegaard et levinas*¹³. Espero que em algum momento haja possibilidade de um diálogo fecundo realizado por estudiosos de Kierkegaard e Levinas em torno das obras *As obras do Amor* e *Autrement qu’être ou au-delà de l’essence* e que terá como fruto, seguramente, uma resposta muito contundente à pergunta formulada sobre a relação entre verdade e subjetividade nos dois pensadores.

IHU On-Line – Em que consiste a psicologia kierkegaardiana e qual é o lugar do conceito de angústia dentro dela?

Jorge Miranda de Almeida – Em primeiro lugar, Kierkegaard não se declarou psicólogo. Ele não elaborou nenhum tratado de psicologia para responder adequadamente em que consiste a psicologia kierkegaardiana. Porém, ironicamente é considerado como um dos mais profundos psicólogos do século XIX e ousaria dizer que até hoje. Georges Brandes numa carta datada de 11 de janeiro de 1888 endereçada a Nietzsche afirmou: “existe um escritor escandinavo cujas obras muito lhe interessariam se pudesse lê-las em alguma tradução: penso em Soren Kierkegaard que é, segundo o conceito que dele faço, um dos mais profundos psicólogos do mundo. Um pequeno livro que escrevi sobre ele não dá a mar-

13 Distribution électronique Cairn.info pour Collège international de Philosophie. 2004/1 - n° 43. 16 à 28 - ISSN 1144-0821. <http://www.cairn.info/revue-rue-descartes-2004-1-page-16.htm>, acesso em 20 de março de 2013. (Nota do entrevistado)

gem de sua genial personalidade” (BRANDES apud REICHMANN, 1963, p. 26)¹⁴. Nietzsche responde em 19 de fevereiro de 1988: “penso, ao chegar a Alemanha, começar a trabalhar o problema psicológico Kierkegaard” (BRANDES apud REICHMANN, 1963, p. 27). Reinhold Niebhuhr qualificou Kierkegaard como o “mais profundo mestre da psicologia religiosa desde Santo Agostinho¹⁵” (apud HOUSTON, 2003, p. 102)¹⁶.

Lacan no *Seminário X*, intitulado *A angústia*, a respeito da dimensão da angústia na construção da personalidade humana, retoma Kierkegaard e explica aos seus ouvintes que “não sei se todos se dão conta da audácia exibida por Kierkegaard com esse termo” (LACAN, 2005, p. 362), E continua: “Kierkegaard, que devia ter algo da natureza de Tirésias, provavelmente mais do que eu” (p. 209) e ainda: “a angústia em que podemos introduzir-nos, em seguida a uma dada meditação guiada por Kierkegaard” (p. 27). Essas três citações são suficientes, penso eu, para que o leitor possa refletir sobre a importância de Kierkegaard “como psicólogo” em Lacan, embora tenham objetivos (?) e métodos diferentes. Com essa relação respondo em parte à pergunta sobre o lugar da angústia na psicologia e, acrescentaria, na antropologia kierkegaardiana. A angústia é o que mede a maturidade e a qualidade existencial do indivíduo singular, pois “quanto mais original é um homem, tanto mais profunda será sua angústia” (KIERKEGAARD, 2010, p. 57)¹⁷.

14 REICHMANN, Ernani. *Intermezzo Lírico-filosófico 7a parte*. Curitiba. Edição do autor, 1963. (Nota do entrevistado)

15 Aurélio Agostinho (354-430): conhecido também como Santo Agostinho, nasceu em Tagaste. Bispo, escritor, teólogo, filósofo foi uma das figuras mais importantes no desenvolvimento do cristianismo no Ocidente. Ele foi influenciado pelo neoplatonismo de Plotino e criou o conceito de pecado original e guerra justa. (Nota da IHU On-Line)

16 HOUSTON, J. H. *Mentoria Espiritual: O desafio de tornar indivíduos em pessoas*. Rio de Janeiro: Textus Editora, 2003. (Nota do entrevistado)

17 KIERKEGAARD. *O Conceito de Angústia*. Petrópolis, RJ: vozes, 2010. (Nota do entrevistado)

Grandeza e miséria humanas

Assumindo o homem como um ser de carne e osso e sua tarefa de concretizar-se a si mesmo no temor e no tremor, a angústia é possivelmente o que melhor condiz com a condição humana. É por isso que ela é a medida da maturidade existencial, como o filósofo afirma: “pode-se dizer, ao contrário, que quanto mais original é um homem, tanto mais profunda será sua angústia” (KIERKEGAARD, 2010, 57). A angústia extrapola a pretensão do idealismo em querer demonstrar racionalmente em que constitui a aventura do tornar-se homem. Ela revela ao mesmo tempo a grandeza e a miséria do ser humano. O homem em estado de incompletude está aberto (o que mais tarde discípulos diretos e indiretos do filósofo dinamarquês iriam denominar como projeto, abertura, ser-aí, possibilidade, *dasein*, etc.) à maior das ações humanas, como está aberto também à maior das monstruosidades. Por isso ele se angustia e tem medo de concretizar a síntese, como Vigilius afirma: “deste modo, a angústia é a vertigem da liberdade, que surge quando o espírito quer estabelecer a síntese, e a liberdade olha para baixo, para sua própria possibilidade, e então agarra a finitude para nela firmar-se” (KIERKEGAARD, 2010, p. 66).

Kierkegaard pode ser compreendido e estudado como psicólogo porque seus pseudônimos têm personalidades fortes e os personagens que ele analisa encarnam muitas das características mais frequentes da psique humana em seu estado de equilíbrio e em seu estado de desequilíbrio. Para tanto é suficiente examinar no interior da obra *Enten-eller* (“Ou isso ou aquilo”, em francês foi traduzido por *Ou bien... Ou bien*) na parte intitulada *Silhouettes* as personagens de Maria Beaumarchais, Dona Elvira e Margarida para se ter ideia da profundidade do conhecimento e da análise da personalidade e do desespero que toma conta do indivíduo quando ele coloca o sentido da sua existência em outro ser (no caso específico D. Giovanni), pois o mais infeliz é aquele que “tem o seu ideal, o conteúdo de sua

vida, a plenitude da sua consciência, a sua verdadeira e própria essência, de qualquer forma, fora de si. O infeliz é sempre ausente de si mesmo, ele nunca está presente em si mesmo” (KIERKEGAARD, 2001, v. II, p. 116)¹⁸.

Delírio da interioridade

Contudo, é com o autor do *Pós-escrito*, Johannes Climacus que gostaria de exprimir a grande penetração kierkegaardiana no campo da psique humana, mesmo que Climacus não tivesse essa pretensão. Dom Quixote, sendo o modelo da loucura subjetiva, desenvolve uma paixão fixa, um fetiche e nega-se a si mesmo para viver em um mundo à parte. Ora, não reside nesse ato a origem de quase todas as patologias mentais? O que seria a demência se não a falta da elaboração da personalidade equilibrada e edificada?

Dom Quixote é o modelo da loucura subjetiva na qual a paixão da interioridade envolve uma representação particular finita e fixa. Mas quando, por outro lado, a interioridade está ausente, aparece a loucura da língua-lengua, que ainda é cômica, e que seria de desejar que um psicólogo experimentador a encenasse, tomando um punhado de tais filósofos e colocando-os juntos. Quando a demência é um delírio da interioridade, o trágico e o cômico consistem em que algo que é infinitamente importante para o infeliz seja um detalhe fixado que não tem importância para ninguém mais. Quando, pelo contrário, a demência consiste na ausência de interioridade (KIERKEGAARD, 1993, p. 364).

A citação extraída do *Pós-escrito conclusivo não científico* é uma síntese do conhecimento das possibilidades da constituição do caráter e da personalidade humanas. O desequilíbrio da personalidade acontece quando se rompe o elo entre o absoluto do homem e o Absoluto de Deus. A angústia de Deus (LACAN, 2005, p. 182) é, segundo entendo a partir da leitura de *O conceito de angústia*, é a nostalgia engendrada na e da an-

18 KIERKEGAARD. *Enten-eller*. v.II, p.116. 6a edição. Milano. Adelphi, 2001. (Nota do entrevistado)

gústia, pois na angústia se anuncia o estado do qual o indivíduo singular pretende sair, mas sozinho não conseguirá; somente com o auxílio da fé é que o indivíduo retornará à fonte que jorra para a vida eterna, porque “sendo o indivíduo formado pela angústia para a fé, a angústia há de erradicar justamente o que ela mesma produz” (KIERKEGAARD, 2010, p. 168).

IHU On-Line – Como presidente no biênio 2006-2007 da Sociedade Brasileira de Estudos Kierkegaardianos, qual é sua percepção sobre os estudos de Kierkegaard no Brasil?

Jorge Miranda de Almeida – Nos últimos vinte anos houve considerável interesse dos estudos de Kierkegaard no Brasil. Hoje contamos com um número razoável de teses e dissertações sobre temas kierkegaardianos e sobre o próprio Kierkegaard. No ano do bicentenário de seu nascimento, muitos eventos estão sendo organizados e significa o reconhecimento da importância de Kierkegaard na filosofia, na literatura, na psicologia, na teologia. Os livros *Kierkegaard* de autoria minha e de Álvaro Valls; *Kierkegaard no nosso tempo* organizado por Álvaro Valls e Jasson da Silva Martins¹⁹ e *Søren Kierkegaard no Brasil – Festschrift em homenagem a Álvaro Valls*, organizado por Deyve Redyson²⁰, Jorge

“Penso que a Sobreski deve incentivar e promover o intercâmbio cada vez maior com nossos vizinhos argentinos, mexicanos e outros latinos que se interessam pelo estudo da obra de Kierkegaard”

Miranda de Almeida de Almeida e Marcio Gimenes de Paula²¹; *Paixão pelo paradoxo* e *A palavra e o silêncio* de Ricardo Quadros Gouvêa; *Socratismo e cristianismo em Kierkegaard* de Marcio Gimenes de Paula; *Don Juan, Fausto e o Judeu errante* de Guiomar de Grammont; *Ética e existência em*

Kierkegaard e Levinas e Educação e ética em Kierkegaard e Paulo Freire (este último no prelo) de Jorge Miranda de Almeida de Almeida, são algumas das publicações sobre Kierkegaard no Brasil na última década, o que demonstra, que estamos pensando e produzindo com qualidade sem doutrinar e sem petrificar o pensamento de Kierkegaard.

Os estudos de Kierkegaard no Brasil, particularmente em função da data comemorativa, estão em franca abertura. Durante todo o mês de Março a Academia Brasileira de Letras dedicou uma série de conferências em torno da *Existência e alternativas: um olhar sobre Kierkegaard*, coordenado por Marco Lucchesi²². As conferências foram intituladas *Kierkegaard, a reconstrução da existência*, proferida pelo professor e ensaísta Eduardo Portella; *Kierkegaard e Adorno*, com o acadêmico Sergio Paulo Rouanet²³; *Kierkegaard, apóstolo da existência*, com o professor Emmanuel Carneiro Leão e *Kierkegaard, Unamuno e Ortega y Gasset*, com o professor Vamireh Chacon. É admirável a iniciativa, sobretudo, porque não houve nenhum membro da Sobreski participando como estudioso e pesquisador das obras kierkegaardianas, o que enobrece e abre outras perspectivas de pensar Kierkegaard no Brasil. Realmente fiquei muito satisfeito com a iniciativa do evento e pela qualidade com que ele foi desenvolvido.

Eventos

Nos dias 23 e 24 de maio será realizado no Rio de Janeiro, através do Programa de Pós-graduação em Psicologia, organizado por Myriam

¹⁹ Jasson da Silva Martins: filósofo brasileiro, graduado em Filosofia pelo Centro Universitário La Salle (Unilasalle), mestre e doutorando em Filosofia pela Unisinos, com a tese *Subjetividade e verdade: a construção da interioridade em Descartes e Kierkegaard*. É um dos organizadores da obra *Ética, direito e política: inflexões filosóficas* (São Leopoldo: Nova Harmonia, 2008). Leciona na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. (Nota da IHU On-Line)

²⁰ Deyve Redyson Melo dos Santos: graduado em Filosofia pela Universidade Estadual Vale do Aracaju (UVA-CE) e em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), é mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e doutor em Filosofia pela Universidade de Oslo, na Noruega. Deyve é professor adjunto da Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Pesquisa na área de Filosofia da Religião com ênfase em Schopenhauer, Feuerbach, Kierkegaard, Nietzsche, Cioran e Idealismo Alemão. Escreveu, entre outros, *Dossiê Schopenhauer* (São Paulo: Universo dos Livros, 2009) e *A Filosofia de Søren Kierkegaard* (Recife: Elógica, 2004). Membro do Grupo de Pesquisa sobre a obra de Kierkegaard

(CNPq), é o atual presidente da Sociedade Brasileira de Estudos de Kierkegaard (Sobreski). Concedeu entrevista à edição 314 da IHU On-Line, de 09-11-2009, intitulada *Kierkegaard e Schopenhauer*. Proximidades e rupturas e disponível em <http://bit.ly/ZNe9yi>. (Nota da IHU On-Line)

²¹ Marcio Gimenes de Paula: filósofo brasileiro, graduado em Teologia pelo Seminário Teológico Presbiteriano Independente. Curso graduação, mestrado e doutorado em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Atualmente, é professor adjunto II do departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (UFS). É autor de *Indivíduo e comunidade na filosofia de Kierkegaard* (São Paulo: Paulus, 2009). Confira, na edição 314 da IHU On-Line, de 09-11-2009, a entrevista por ele concedida: *O indivíduo como ponto inicial na filosofia kierkegaardiana*, disponível em <http://bit.ly/18Yxssj>. Na presente edição concedeu a entrevista *A crítica de Kierkegaard ao Cristianismo: uma experiência humanamente impossível?* (Nota da IHU On-Line)

²² Marco Lucchesi: mestre em História pela Universidade Federal Fluminense e em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutor em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente é Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro. (Nota da IHU On-Line)

²³ Sergio Paulo Rouanet (1934): diplomata, filósofo e ensaísta brasileiro. É membro da Academia Brasileira de Letras desde 1992. Exerceu o cargo de secretário de Cultura do presidente Fernando Collor de Mello e foi responsável pela criação da lei Rouanet, de incentivos fiscais à cultura. (Nota da IHU On-Line)

Moreira Protasio, um seminário intitulado *Kierkegaard e Lacan*, do qual alguns membros da Sobreski estarão presentes; nos dias 27 a 29 de maio acontecerá na Unisinos o congresso *Kierkegaard 200 anos depois – Comemoração do bicentenário de nascimento*, organizado por Álvaro Valls, com convidados renomados no estudo da obra de Kierkegaard como os estrangeiros: Bruce Kirmmse²⁴, Poul Lübcke²⁵, Hélène Politis²⁶, Nuno Ferro²⁷, Jacob Howland²⁸ e Richard

24 Bruce Kirmmse: filósofo norte-americano, editor geral e tradutor dos Diários e Anotações de Kierkegaard. É professor emérito do Connecticut College, Estados Unidos. Estudou na Universidade Wesleyan, e cursou mestrado e Ph.D. na Universidade da Califórnia (Berkeley). É especialista em história intelectual da Europa Moderna e na filosofia e teologia de Kierkegaard. É autor de *Kierkegaard in Golden Age Denmark* (Hardcover, Indiana University Press, 1990). Confirma, nesta edição, a entrevista concedida por Kirmmse nesta edição, intitulada *Os problemas de Kierkegaard ainda são nossos problemas*. (Nota da IHU On-Line)

25 Poul Lübcke: leciona na Universidade de Copenhague, na Dinamarca. De sua produção bibliográfica citamos *Politikens filosofi leksikon, Tidsbegrebet: Et metafysisk essay e Metafysik*. Confirma a entrevista concedida por Lübcke nesta edição, intitulada *O legado filosófico de Kierkegaard*. (Nota da IHU On-Line)

26 Hélène Politis: filósofa francesa, especialista no pensamento de Kierkegaard e, entre outros, escreveu *Le Vocabulaire De Kierkegaard* (Paris: Ellipses, 2002), *Kierkegaard* (Paris: Ellipses, 2002) e *Le concept de philosophie constamment rapporté à Kierkegaard* (Paris: Kimé : 2009). Doutora em Letras, leciona na Universidade Paris I - Panthéon Sorbonne, na França. Confirma a entrevista que ela concedeu a essa edição: *Um pensamento contra os falsos sábios e sofistas*. (Nota da IHU On-Line)

27 Nuno Ferro: filósofo português, leciona na Universidade Nova de Lisboa, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, no Departamento de Filosofia. Com Mário Jorge de Carvalho traduziu *S. Kierkegaard: Adquirir a sua Alma na Paciência (dos Três Discursos Edificantes, de 1843)* (Lisboa: Assírio e Alvim, 2007). É autor de inúmeros artigos sobre Kierkegaard e comentou textos de Leibniz. Confirma a entrevista que Nuno Ferro concedeu a esta edição: *O nexo entre linguagem e desonestidade num pensamento “desconcertante”*. (Nota da IHU On-Line)

28 Jacob Howland: filósofo norte-americano, professor no departamento de Filosofia da Universidade de Tulsa, nos Estados Unidos, onde ministra cursos sobre filosofia grega antiga, sobre autores como Platão, Aristóteles, Xenofonte e Kierkegaard. Graduou-se com honra na Swarthmore College e é Ph.D em Filosofia pela Universidade do Estado da Pennsyl-

Purkarthofer e, certamente, um bom número de estudiosos e aprendizes do filósofo dinamarquês. Na PUC-Rio será realizado, nos dias 11 e 12 de setembro, o seminário Comemorativo *Kierkegaard 200 anos*, coordenado por Karl Erik Schollhammer (Depto. de Letras/PUC-Rio) e Thiago Costa Faria (Depto. de Filosofia/PUC-Rio) com a participação de Pia Søltoft (Centro Kierkegaard e Departamento de Teologia, Universidade de Copenhague) e de vários estudiosos de Kierkegaard da Sobreski. Ainda no Rio de Janeiro, nos dias 17 a 19 de setembro acontecerá na UFRJ-RJ, organizado por Eduardo Campos, Fernando Santoro e Gilvan Fogel do Programa de Pós-graduação em Filosofia, um minicurso introdutório ao pensamento de Kierkegaard e que será ministrado por Jorge Miranda de Almeida de Almeida.

Nos dias 9 a 12 de novembro será realizada, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, a XIII Jornadas Internacionais de Estudos de Kierkegaard – Sobreski. Este evento reúne alguns dos estudiosos de Kierkegaard há 13 anos para troca de ideias, artigos, livros, perspectivas, convivências e que, no último encontro realizado na Universidade Federal do Piauí, decidiu-se que a realização seria na Bahia, não mais anualmente e sim a cada dois anos. A organização está sob a responsabilidade de Jasson da Silva Martins e Jorge Miranda de Almeida de Almeida. Evidentemente que há outros estudiosos de Kierkegaard que não participam da Sobreski, e aproveito este espaço para convidá-los, caso tenham acesso à leitura do IHU – revista semanal do Instituto Humanistas Unisinos – IHU.

Portanto, a percepção sobre os estudos de Kierkegaard no Brasil é muito boa. Temos estudiosos em instituições em quase todas as regiões

vanias. De sua produção bibliográfica, destacamos *The Republic: The Odyssey of Philosophy* (New York: Twayne Publishers, 1993) e *Kierkegaard and Socrates: A Study in Philosophy and Faith* (New York: Cambridge University Press, 2006). Confirma a entrevista “*A ironia a serviço do trabalho de parceira espiritual*” que concedeu à presente edição da IHU On-Line. (Nota da IHU On-Line)

do Brasil. Muitos jovens estudiosos estão sedentos por bibliografia de Kierkegaard e por orientações, e isso nos anima muito. Desde 1991 temos algumas obras traduzidas com qualidade diretamente do dinamarquês sem atravessar tantas dificuldades quando se traduz de uma tradução, como era anteriormente. Nesse sentido, temos que agradecer a dedicação de Álvaro Valls por ter nos apresentado com as traduções de *O conceito de ironia*, *Migalhas filosóficas*, *O conceito de angústia*, *As obras do amor* e, para 2013, o primeiro volume do *Pós-escrito conclusivo não científico às Migalhas Filosóficas*. Esperamos também que Jonas Roos publique a tradução ainda em 2013 de *A doença mortal* também diretamente do dinamarquês, bem como desejamos em breve a tradução de *Enten eller* (“ou isso ou aquilo?”, a alternativa? Ou... ou...?”). É importante ainda salientar que Henri Nicolay Levinspuhl nos brindou com ótimas traduções de alguns dos *Discursos edificantes*. Esperamos que dê continuidade a esse trabalho, que é uma das variáveis mais significativas do crescimento com seriedade do pensador dinamarquês em nosso país.

IHU On-Line – Como avalia as atividades da Sobreski nos últimos anos?

Jorge Miranda de Almeida – Quando a Sobreski se reunia e éramos um número pequeno não havia necessidade de uma organização e de uma sociedade com todas as suas instâncias. Anualmente nos reuníamos, tínhamos prazer em celebrar cada encontro e a alegria com a chegada de cada novo membro. Era uma verdadeira festa cada defesa de dissertação de mestrado e de tese de doutorado... o tempo foi passando e a Sobreski cresceu. O fato marcante é esse. Ela cresceu e precisamos nos organizar mais e melhor para não nos fragmentarmos e não nos perdermos. Espero que na jornada desse ano tenhamos condições de criar mecanismos que atendam às novas demandas.

Avaliar as atividades da Sobreski é algo que não tenho competência e

não tenho autoridade para fazer. Portanto, prefiro usar este espaço para dizer como me sinto em relação à Sobreski e como ultimamente estou estudando a categoria do testemunho como ferramenta filosófica. Mesmo que não atinja o testemunho da verdade, é mais salutar testemunhar do que avaliar, emitir um juízo de valor. Esta ação, penso, não se coaduna com quem estuda Kierkegaard. Nos encontros da Sobreski é muito satisfatório participar de comunicações tão diversas sobre Kierkegaard sem que alguém se sinta reprovado. Penso que até hoje a maturidade existente é uma das principais razões do crescimento desse grupo. Ninguém é dono de Kierkegaard ou tem mais legitimidade para abordar esse ou aquele tema. Aborda-se com seriedade, após a investigação análise e estudo fecundo sobre determinada área do caleidoscópio kierkegaardiano. Assim temos membros que abordam seu pensamento a partir do elemento religioso, outros preferem estudá-lo comparativamente com Adorno²⁹, Benjamin³⁰, Guimarães Rosa³¹, Kracauer, Levinas, Scho-

penhauer, Hannah Arendt³², Tillich³³, Jaspers³⁴; outros ainda preferem co-

do falar erudito ou sertanejo, mas, sem reproduzi-las num realismo documental, reutilizou suas estruturas e vocábulos, estilizando-os e reinventando-os num discurso musical e eficaz de grande beleza plástica. Sua obra parte do regionalismo mineiro para o universalismo, oscilando entre o realismo épico e o mágico, integrando o natural, o místico, o fantástico e o infantil. Entre suas obras, citamos: *Sagarana, Corpo de baile, Grande sertão: veredas*, considerada uma das principais obras da literatura brasileira, *Primeiras histórias* (1962), Tutaméia (1967). A edição 178 da IHU On-Line, de 02-05-2006, dedicou ao autor a matéria de capa, sob o título “Sertão é do tamanho do mundo”. 50 anos da obra de João Guimarães Rosa, disponível para download em <http://migre.me/qQX8>. De 25 de abril a 25-05-2006 o IHU promoveu o *Seminário Guimarães Rosa: 50 anos de Grande Sertão: Veredas*. Confira, ainda, a edição 275 da Revista IHU On-Line, de 29-09-2008, intitulada *Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil*, disponível em <http://bit.ly/mBZOce>. (Nota da IHU On-Line)

32 **Hannah Arendt** (1906-1975): filósofa e socióloga alemã, de origem judaica. Foi influenciada por Husserl, Heidegger e Karl Jaspers. Em consequência das perseguições nazistas, em 1941, partiu para os EUA, onde escreveu grande parte das suas obras. Lecionou nas principais universidades deste país. Sua filosofia assenta numa crítica à sociedade de massas e à sua tendência para atomizar os indivíduos. Preconiza um regresso a uma concepção política separada da esfera econômica, tendo como modelo de inspiração a antiga cidade grega. Entre suas obras, citamos: *Eichmann em Jerusalém - Uma reportagem sobre a banalidade do mal* (Lisboa: Tenacitas. 2004) e *O Sistema Totalitário* (Lisboa: Publicações Dom Quixote. 1978). Sobre Arendt, confira as edições 168 da IHU On-Line, de 12-12-2005, sob o título *Hannah Arendt, Simone Weil e Edith Stein. Três mulheres que marcam o século XX*, disponível para download em <http://bit.ly/qMjoc9> e a edição 206, de 27-11-2006, intitulada *O mundo moderno é o mundo sem política. Hannah Arendt 1906-1975*, disponível para download em <http://bit.ly/rt6KMG>. Nas Notícias Diárias de 01-12-2006 você confere a entrevista *Um pensamento e uma presença provocativos*, concedida com exclusividade por Michelle-Irène Brudny em 01-12-2006, disponível para download em <http://bit.ly/o0pntA>. (Nota da IHU On-Line)

33 **Paul Tillich** (1886-1965): teólogo alemão, que viveu quase toda a sua vida nos EUA. Foi um dos maiores teólogos protestantes do século XX e autor de uma importante obra. Entre os livros traduzidos em português, pode ser consultado *Coragem de Ser* (6ª ed. Editora Paz e Terra, 2001) e *Amor, Poder e Justiça* (Editora Cristã Novo Século, 2004). (Nota da IHU On-Line)

34 **Karl Jaspers** (1883-1969): filósofo existencialista alemão. Acreditava que a filosofia não é um conjunto de doutrinas,

tejá-lo com a teologia na esfera católica, na esfera protestante e na esfera judaica; outros ainda estabelecem relação com Kierkegaard e o cinema, Kierkegaard e a psicologia, Kierkegaard e a literatura.

Penso que a Sobreski deve incentivar e promover o intercâmbio cada vez maior com nossos vizinhos argentinos, mexicanos e outros latinos que se interessam pelo estudo da obra de Kierkegaard. É salutar e merece os maiores incentivos e esforços a realização do estágio na Kierkegaard-Library, de Minnesota, bem como a possibilidade de um ano de estágio do Centro de Estudos de Kierkegaard em Copenhague para o estudo da língua dinamarquesa e o acesso às obras do Centro.

Como as XIII Jornadas acontecem num momento especial, a data comemorativa aos 200 anos de nascimento de Kierkegaard, gostaria de convidar a cada membro que já esteve em alguma das jornadas anteriores, e que por motivos e razões que não precisam ser justificadas não compareceram às outras, que compareça agora, que se faça presente, que nos dê esse presente. Gostaria também de convidar os estudiosos de Kierkegaard – que não são poucos – e que não se fizeram presentes nos encontros da Sobreski, para que neste ano compareçam, façam-nos uma visita e partilhem conosco momentos em que a discussão da obra e do pensamento são apenas ocasiões para celebrarmos a gratuidade da existência.

mas uma atividade por meio da qual cada indivíduo pode se conscientizar da natureza de sua própria existência. Escreveu vários livros sobre os grandes filósofos do passado. Escreveu *Filosofia* (1932), *O alcance perene da filosofia* (1948) e *O caminho para a sabedoria* (1949). Jaspers começou a ensinar Psiquiatria na universidade de Heidelberg em 1913 e se tornou professor de Filosofia em Heidelberg, em 1921. Em 1948, passou a ensinar Filosofia na universidade de Basileia, na Suíça. Sobre ele, conferir um artigo intitulado *Imaginar a paz ou sonhá-la?*, publicado na IHU On-Line 49ª edição, de 24-02-2003, disponível para download em <http://bit.ly/9m0DBP> e uma entrevista na 50ª edição, de 10-03-2003, disponível em <http://bit.ly/cexldt>. (Nota da IHU On-Line)

29 **Theodor Wiesengrund Adorno** (1903-1969): sociólogo, filósofo, musicólogo e compositor, definiu o perfil do pensamento alemão das últimas décadas. Adorno ficou conhecido no mundo intelectual, em todos os países, em especial pelo seu clássico *Dialética do Iluminismo*, escrito junto com Max Horkheimer, primeiro diretor do Instituto de Pesquisa Social, que deu origem ao movimento de idéias em filosofia e sociologia que conhecemos hoje como Escola de Frankfurt. Sobre Adorno, confira a entrevista concedida pelo filósofo Bruno Pucci à edição 386 da Revista IHU On-Line, intitulada “Ser autônomo não é apenas saber dominar bem as tecnologias”, disponível para download em <http://bit.ly/GCSKj1>. A conversa foi motivada pelo palestra *Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais*, proferida por Pucci dentro da programação do Ciclo Filosofias da Intersubjetividade. (Nota da IHU On-Line)

30 **Walter Benjamin** (1892-1940): filósofo alemão crítico das técnicas de reprodução em massa da obra de arte. Foi refugiado judeu alemão e diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu o suicídio. Um dos principais pensadores da Escola de Frankfurt. (Nota da IHU On-Line)

31 **João Guimarães Rosa** (1908-1967): escritor, médico e diplomata brasileiro. Como escritor, criou uma técnica de linguagem narrativa e descritiva pessoal. Sempre considerou as fontes vivas